

A TEXTUALIDADE E SEUS FATORES

Carlos Valmir do Nascimento (UEPB)

E-mail: Valmir.access@hotmail.com

RESUMO

A compreensão e a produção de textos orais e escritos, nos mais variados gêneros em uso na sociedade, são essenciais para a ampliação da competência comunicativa dos educandos. Muitas escolas ainda priorizam o ensino da gramática normativa de forma descontextualizada, fora da realidade dos alunos, em vez de dar maior ênfase às aulas de leitura e escrita dos diversos gêneros textuais, levando-se em consideração a importância dessa prática para os processos comunicativos no meio social. O texto, fundamentado a partir da textualidade, que é o conjunto de características que possibilita conhecê-lo, e cujos sentidos estão na interação que se estabelece entre o leitor, o texto e o seu autor, deve ser a base norteadora para trabalhar os elementos linguísticos, a leitura, a compreensão e a produção textual, tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Como fatores de textualidade, podemos citar a coerência, a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade e a relevância, que são, na verdade, elementos essenciais que o professor de Língua Portuguesa deve considerar ao corrigir e analisar as produções dos seus aprendizes. Ainda no que diz respeito à correção textual, torna-se relevante que o docente conheça as seguintes metarregras: a continuidade, a progressão, a não contradição e a articulação, que são ferramentas que auxiliam na análise e avaliação das falhas na coerência de um texto. Assim, este trabalho tem o objetivo de conceituar texto, destacando a sua importância no processo de ensino e aprendizagem, citando os fatores de textualidade e descrevendo alguns aspectos da produção textual e da prática da leitura. Como procedimentos metodológicos, adotamos a observação das aulas de Português na Escola “Alfredo Chaves”, especificamente no 8º e 9º anos; e a análise das produções textuais escritas dos alunos das referidas turmas. Dessa forma, constatamos que é grande a dificuldade dos estudantes em produzir e compreender textos orais e escritos, devido à falta de familiaridade com a leitura dos diversos gêneros textuais em circulação no meio social.

Palavras-chave: texto, textualidade, leitura.

ABSTRACT

The comprehension and production of oral and written texts in various genres in use in society, are essential for increasing the communicative competence of the learners. Many schools still prioritize the teaching of grammar rules in a decontextualized way out of the reality of the students, instead of giving greater emphasis to lessons in reading and writing of various genres, taking into account the importance of this practice to communicative processes in social environment. The text, based from textuality, which is the set of features that allows to know him, and whose senses are in the interaction that takes place between the reader, the text and its author, should be the guiding basis for the work elements language, reading, comprehension and text production, both in oral form, as in writing. Textuality as

ones we can mention the coherence, cohesion, intentionality, acceptability, informativity and relevance, which are actually essential that the teacher of Portuguese should consider when correcting and analyzing the productions of his apprentices . Even with regard to textual correction, it is relevant that the teacher knows the following metarules: continuity, progression, no contradiction and articulation, which are tools that assist in the analysis and evaluation of failures in coherence of a text. Thus, this paper aims to conceptualize text, highlighting its importance in the teaching and learning process, citing factors textuality and describing some aspects of textual production and reading practice. The methodological procedures, we adopt the observation of Portuguese classes in School "Alfredo Chaves", specifically in the 8th and 9th grades; and textual analysis of written productions of the students of these classes. Thus, we find that there is a great difficulty for students to use and comprehend oral and written texts, due to lack of familiarity with the reading of various genres in circulation in the social environment.

Keywords: text, textuality, reading.

INTRODUÇÃO

As novas práticas pedagógicas convergem para a utilização na sala de aula de textos os mais variados possíveis, não só em Língua Portuguesa, mas nas aulas de todas as áreas do conhecimento, em que se devem priorizar as práticas de leitura e de produção textual. Isso significa que se deve dar relevância aos processos da contextualização, de forma que todas as atividades dos diferentes componentes curriculares ministrados na escola e todas as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), dos vestibulares do país e de outros concursos públicos devem ser contextualizadas.

Nos últimos anos, linguistas e outros estudiosos da língua, como por exemplo, Antunes (2009), vêm reforçando as suas críticas em relação ao ensino tradicional da gramática, que ainda acontece de forma arcaica, com exemplos artificiais, criados pelo professor, de maneira descontextualizada, sem estabelecer sentido algum com a realidade do cotidiano do educando. Isso significa dizer que se deve priorizar, assim, a prática de leitura e produção oral e escrita dos mais variados textos, de uso corrente na sociedade, de forma a ampliar a capacidade comunicativa dos aprendizes. O ensino da gramática normativa, que é de suma importância nos cursos fundamental e médio, precisa acontecer, de forma contextualizada, levando-se em consideração essa perspectiva.

Dentro dessa tendência, alguns conceitos são de grande relevância, como o de texto e aqueles relacionados aos fatores de textualidade. A produção de textos e a prática da leitura também são frisadas, tendo em vista a sua importância para a ampliação da capacidade comunicativa dos educandos e do seu nível de compreensão dos variados gêneros textuais orais e escritos que circulam no contexto social. A esse respeito, Cavalcante (2011), Koch e Elias (2010), Marcuschi (2008), Antunes (2009) e Xavier (2011), dentre outros, constituem uma boa fundamentação teórica para especialistas, professores de Português e demais estudiosos da língua, interessados em um ensino mais prático e dinâmico dentro das concepções linguísticas mais recentes.

Assim, o nosso objeto de estudo é o texto e o conjunto de características que possibilita conhecê-lo (textualidade). O tema foi escolhido levando-se em consideração a sua importância teórico-prática no cotidiano escolar e, por extensão, a sua relevância no dia a dia

de uma sociedade que se utiliza de variados textos orais e escritos para estabelecer um processo de comunicação.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos professores de Língua Portuguesa diz respeito à enorme dificuldade dos educandos em produzirem textos, tanto na modalidade oral, quanto na escrita. Os orais, eles produzem naturalmente na informalidade das conversas descontraídas com os colegas. Porém, quando o educador solicita que falem formalmente sobre determinado assunto ou lhes questiona algo, são poucos os que conseguem falar alguma coisa. Em relação aos escritos, a maioria dos discentes não possui muita habilidade e, além das falhas ortográficas, de concordância nominal e verbal e dos problemas da pontuação, as produções textuais apresentam inadequações quanto à coerência. Outro grave problema está na compreensão de textos. Muitos estudantes leem com dificuldade e não compreendem o que leram. Será que a falta de leitura é um fator que contribui para toda essa problemática?

Acerca do exposto acima, formulamos algumas hipóteses a serem confirmadas:

a) A falta de leitura acarreta a dificuldade de produção e compreensão de textos orais e escritos.

b) O incentivo à prática da leitura e da produção textual, tanto na modalidade oral, quanto na escrita, proporciona a evolução da competência comunicativa dos educandos.

Neste trabalho, temos o objetivo de conceituar texto, destacando a sua importância no processo de ensino e aprendizagem, citando os fatores de textualidade e descrevendo alguns aspectos da produção textual e da prática da leitura, como atividades essenciais para a ampliação da competência comunicativa do aprendiz.

Como objetivos específicos, temos:

a) Reconhecer o texto como uma unidade linguística dotada de significação e que se presta a uma função comunicativa.

b) Citar os fatores de textualidade.

c) Apresentar alguns aspectos relevantes sobre a produção textual e a prática da leitura.

Como procedimentos metodológicos, adotamos a observação das aulas de Língua Portuguesa na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Alfredo Chaves”, localizada na cidade de Lagoa de Dentro – PB, especificamente nas turmas do 8º e 9º anos; e a análise das produções textuais escritas dos educandos das referidas turmas.

Dessa forma, dada a grande dificuldade em se produzir e compreender textos escritos, principalmente pelos educandos do ensino fundamental, neste artigo, intitulado *A textualidade e seus fatores*, abordamos alguns aspectos considerados relevantes para todos os estudiosos da nossa língua materna.

1. O Conceito de Texto

Segundo Cavalcante (2011), entende-se por texto toda e qualquer unidade de linguagem dotada de sentidos, que realiza uma função comunicativa destinada a certo grupo de pessoas, levando-se em consideração as especificações de uso, a época e os aspectos culturais dos envolvidos no processo de enunciação.

Assim menciona Jota (1981, p. 324): “TEXTO s. m. Para Hjelmslev, qualquer tipo de enunciado analisável, seja um simples monossílabo, seja todo o material linguístico de uma comunidade.” Ao escrever o conceito de texto, o autor cita o nome de Louis Hjelmslev, que foi um linguista dinamarquês, para quem o texto significava qualquer enunciado, mesmo que formado por apenas um monossílabo, contanto que dotado de significação, como por

exemplo, ai!, oi!, passível de análise, até exemplos mais complexos que compõem todo o acervo linguístico de uma comunidade de fala.

Vivemos em sociedade e, por isso mesmo, por sermos seres sociais, estamos sempre nos comunicando com as outras pessoas e, nesse processo de interação, utilizamos a língua para transmitir os nossos pensamentos e ideias, para dar informações, expressar sentimentos, etc. Por meio da linguagem oral ou escrita, estamos sempre utilizando textos, de forma que diferentes sujeitos realizam seus discursos, de acordo com a sua ideologia e intencionalidade. Assim, nossa prática comunicativa realiza-se através de textos.

Todos os conhecimentos culturais adquiridos no meio social, além dos saberes linguísticos, são essenciais para o processo de compreensão e produção textuais.

Cavalcante (2011) menciona o fato de que a Linguística Textual já defendeu várias concepções de texto, das quais cita as três básicas que são: o *Artefato lógico do pensamento*, pois se concebia o texto como um simples artefato lógico do pensamento do seu autor; a *Decodificação das ideias*, em que o texto é considerado um produto em que há um emissor que codifica a ideia e um receptor que a decodifica, sendo necessário apenas o domínio do código linguístico para a compreensão da mensagem; e o *Processo de interação*, que é a concepção aceita atualmente, pois entende o texto como um evento da interação social, uma vez que considera o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural dos sujeitos no processo de construção dos sentidos.

Na realidade, é na interação entre o locutor e o locutário (interlocutores), dentro de um determinado contexto, e logicamente levando-se em consideração os elementos linguísticos, que estão os sentidos de um texto. O contexto nada mais é do que tudo o que leva à construção desses sentidos. E, durante o ato de interação, o sujeito é um agente importante e todos os conhecimentos por ele adquiridos ao longo da vida são essenciais para a compreensão textual.

Conforme Koch e Elias (2010), os sentidos do texto não estão em si próprio e, por isso, devem ser construídos utilizando-se os elementos textuais fornecidos pelo autor, juntamente com os conhecimentos do leitor, durante a atividade da leitura.

Para muitas pessoas, produzir um texto não é tarefa fácil. E lê-lo não se restringe apenas à decodificação dos seus sinais gráficos, pois envolve algo mais dinâmico, profundo e complexo, que é a sua compreensão.

Os processos que envolvem o ato de compreender o texto e obter os seus sentidos dependem dos tipos de conhecimentos que foram adquiridos pelo leitor ao longo de sua vida. Assim, podemos citar o *conhecimento linguístico*, que envolve tudo o que se sabe sobre a língua, como as regras morfológicas e sintáticas, o uso do léxico, etc.; o *conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo*, que é constituído por todos os saberes adquiridos, formal ou informalmente, durante a vida do leitor e armazenados em sua memória; e o *conhecimento interacional*, que consiste na mobilização dos saberes relacionados às formas de interação para podermos interagir por meio da linguagem, o que nos possibilita realizar certas formas de comunicação. É preciso que o texto esteja inserido na cultura dos leitores/ouvintes e seja escrito na língua que eles dominam para que produza os sentidos, os efeitos desejados pelo escritor/falante. "O domínio da língua é também uma condição da textualidade." (MARCUSCHI, 2008, p.90).

2. Os Fatores de Textualidade

Entende-se por textualidade um conjunto de características que nos possibilita conhecer um texto.

Os fatores de textualidade são os seguintes: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e relevância. Vejamos cada um deles.

2.1. A Coerência Textual

É o fator relacionado aos sentidos do texto. É importante para o seu entendimento, para a sua compreensão.

Quando um texto é produzido, o seu autor tem em mente o(s) possível(is) destinatário(s) e, é claro, deseja ser compreendido por ele(s). “Todo texto tem, portanto, a sua coerência”. (CAVALCANTE, 2011, p.28).

Para se alcançar a compreensão textual, devem-se levar em consideração alguns aspectos como o pragmático, o semântico-conceitual e o formal.

A coerência não é um ente concreto, que pode ser visualizado, sublinhado ou apontado no texto. É algo subjetivo que o leitor capta com base em um conjunto de elementos a partir do cotexto e levando-se em consideração o contexto, a situação comunicativa, os seus conhecimentos sociocognitivos e interacionais, além do material linguístico. Vale lembrar que se entende por *cotexto* a superfície de um texto.

Existem alguns textos que apresentam algumas inadequações em relação à coerência. Para detectá-las, o professor de Língua Portuguesa, em uma de suas muitas atribuições que é a correção textual, deve estar atento às chamadas *metarregras*, que são ferramentas que auxiliam na análise e avaliação das falhas na coerência de um texto.

Assim, são metarregras:

a) A continuidade

É a retomada das ideias que acontecem no decorrer de um texto. Em outras palavras, é o conjunto de elementos constantes, repetidos de forma que não interfiram na elegância textual (estado agradável de ler o texto, tanto no que se refere ao seu conteúdo, quanto à sua forma) e nem canse o leitor, que proporcionam a determinação do texto como um todo único.

b) A progressão

Essa metarregra consiste no acréscimo de informações novas aos elementos que foram retomados no texto, fazendo com que o seu sentido progrida, evolua.

c) Não contradição

Relaciona-se ao sentido do texto, de forma que aquilo que está sendo mencionado nele não pode se contradizer.

d) A articulação

É o modo como aquilo que está sendo dito no texto se relaciona entre si, havendo, às vezes, a necessidade da utilização de conectivos adequados.

Vejamos, a título de exemplo, uma produção textual proposta no ano de 2013, aos alunos do 8º Ano B, do turno matutino, da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Alfredo Chaves”, localizada na cidade de Lagoa de Dentro, PB. O professor lançou a seguinte

proposta na lousa, sem especificar o gênero textual a ser produzido, de forma que os estudantes ficassem à vontade para escolher o que quisessem:

Tomando como base as comemorações da escola sobre o dia dos estudantes e a exibição do filme *As melhores coisas do mundo*, produza um texto comentando sobre os eventos realizados. O que você achou? Qual o seu ponto de vista? Quais as sugestões para o próximo dia dos estudantes?

Transcrevemos abaixo o texto produzido por uma aluna da referida turma, após a correção das inúmeras falhas ortográficas e das inúmeras inadequações em relação aos sinais de pontuação. Ressaltamos que a estudante não colocou nenhum título no texto por ela elaborado.

Eu achei tudo ótimo. O meu ponto de vista é que era pra ser mais organizado, porque as meninas estavam todas desorganizadas. Que seja mais organizado, porque faltaram muitas coisas. O dia dos estudantes era para ser muito festejado, ter muita animação e mais brincadeiras. A festa que houve aqui no colégio foi muito boa, porque houve apresentação de teatro e desfiles. Quarta-feira foi ótimo, porque passaram um filme muito bom para todos assistirem. Quinta-feira foi mais ou menos, porque houve um julgamento muito chato e ruim... A sexta-feira foi um dia ótimo, por causa das apresentações, as danças e os desfiles.

J.S. Aluna do 8º Ano B, da EMEFAC, 2013.

Logo no primeiro parágrafo, notamos a existência da *contradição*, pois a autora defende um determinado ponto de vista, o de que tudo foi ótimo, como se todos os eventos tivessem sido positivos e, logo em seguida, tece uma crítica meio desordenada, enumerando os pontos negativos e citando exemplos daquilo que ela gostaria que houvesse ocorrido. A aluna expressou uma ideia, uma opinião e depois nota-se uma mudança de posicionamento sem justificativa nenhuma.

O pronome *tudo*, empregado na primeira frase do texto, só é compreendido se o leitor ler anteriormente a proposta do professor ou se continuar a leitura.

Ainda no primeiro parágrafo, há uma quebra de *continuidade*, pois fala que “as meninas estavam todas desorganizadas” e esse tema não é continuado. Que meninas são essas? Não há, no texto, nenhuma menção sobre elas anteriormente nem posteriormente. A expressão “as meninas” funciona como se estivesse retomando a ação de personagens que já tivessem sido mencionadas antes. Ainda podemos afirmar que essa frase *quebra a articulação* do texto, uma vez que não se relaciona com os outros fatos apresentados.

A *continuidade* do texto é notada apenas quando a autora cita os eventos que aconteceram na escola, durante três dias, em comemoração ao dia dos estudantes, e dá a sua opinião sobre o que mais deveria ter havido. Porém, essa continuidade também apresenta falhas, pois os elementos e ideias citados no decorrer do texto não são retomados, com exceção da palavra desfiles, que aparece no terceiro e no último parágrafos, mas nada é acrescentado, o que demonstra uma *quebra de progressão*. Não há novas informações sobre esse elemento retomado.

Após analisarmos o texto da aluna de acordo com as metarregras, notamos que o mesmo apresenta algumas falhas de coerência.

2.2. A Coesão Textual

Denomina-se *coesão textual* o sistema formado por elementos linguísticos dispostos na superfície do texto, com o objetivo de estabelecer uma ligação entre as palavras, frases e períodos, contribuindo, assim, para a organização dos seus parágrafos e para a compreensão do leitor (na modalidade escrita) ou ouvinte (na modalidade oral).

Segundo Xavier (2011), de acordo com as concepções da Linguística Textual, a coesão não é um fator necessário para que se considere uma produção oral ou escrita como texto, pois a sua ausência não chega a comprometer o seu sentido.

Koch (1994) divide a coesão em duas grandes modalidades que são a coesão referencial e a coesão sequencial. Assim se expressa a autora:

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro, denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*. (KOCH, 1994, p. 30).
A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir. (KOCH, 1994, p. 49).

Para Koch (1994), a coesão referencial é aquela em que um determinado elemento do texto refere-se a outro do mesmo texto. O primeiro elemento, ela chama de forma referencial e o segundo, de referente textual. Já a coesão sequencial é aquela que se refere às questões linguísticas que estão dispostas em uma determinada sequência no interior do texto, entre as quais são estabelecidas as relações semânticas e também as pragmáticas.

Em outras palavras, a coesão referencial é aquela que se realiza por meio de aspectos semânticos, enquanto que a sequencial se realiza por meio de elementos conectivos.

2.3. A Intencionalidade

A *intencionalidade* é a intenção do autor do texto oral ou escrito de produzir uma manifestação linguística com coesão e coerência, com a finalidade de alcançar algum objetivo.

O leitor/ouvinte deve compreender o objetivo do ato de fala do emissor, do enunciado ou do texto produzido. E isso acontece com base na intencionalidade, que é o fator de textualidade relacionado à pretensão do produtor do texto, o que ele realmente deseja que o leitor/ouvinte faça, realize.

Ao produzir um texto oral ou escrito, o autor tem uma finalidade, possui certas intenções que devem ser identificadas, compreendidas. E isso é importante para o processo da textualização. Além dele, o leitor/ouvinte também tem suas intenções. Principalmente no que diz respeito à produção escrita, existe certa intenção no ato de ler. Segundo Marcuschi (2008, p. 127): “É difícil identificar a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar. Também não se sabe se ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções.”

2.4. A Aceitabilidade

A *aceitabilidade* é o fator de textualidade relacionado à recepção do texto pelo leitor/ouvinte, considerando-o como uma configuração aceitável, coerente e coesa, isto é, carregada de significado e, portanto, compreensível.

Para a Linguística Textual, a aceitabilidade não se limita apenas ao plano das formas, pois se estende, de maneira mais ampla, ao plano do sentido. Isso significa dizer que um texto, mesmo apresentando falhas gramaticais, pode ser aceitável desde que tenha sentido.

A aceitabilidade refere-se, portanto, ao fato de o leitor/ouvinte aceitar as intenções pretendidas pelo produtor do texto oral ou escrito.

2.5. A Informatividade

Esse fator de textualidade refere-se às informações transmitidas pelo texto.

Quando um texto apresenta coerência, logicamente possui conteúdos. Portanto, o leitor/ouvinte deve ser capaz de perceber a mensagem transmitida pelo texto, captar as suas informações.

Segundo Marcuschi (2008, p.132):

O certo é que ninguém produz textos para não dizer absolutamente nada. Contudo, não se pode confundir informação com conteúdo e sentido. A informação é um tipo de conteúdo apresentado ao leitor/ouvinte, mas não é algo óbvio. Perguntar pelos conteúdos de um texto não é o mesmo que perguntar pelas informações por ele trazidas.

Todo texto comunica algo. É importante ressaltar que o leitor/ouvinte não deve confundir informação com conteúdo e sentido, pois apresentam conceitos distintos. Se alguém perguntar a um leitor pelo conteúdo do texto que ele acabou de ler, por exemplo, não significa a mesma coisa que perguntar pelas informações nele contidas. Para tornar essa afirmação mais clara, o texto pode estar falando sobre a violência na cidade de São Paulo (conteúdo) e trazer uma série de informações bastante abrangentes sobre o assunto, inclusive dados estatísticos que comprovem o que o autor afirmou, e até omitir certas informações consideradas não relevantes. Outro texto pode falar sobre o mesmo conteúdo, porém trazer informações diferentes. Isso demonstra que conteúdo e informação não são a mesma coisa. Já os sentidos do texto vão sendo construídos pelo leitor no ato da leitura e, logicamente, pelo ouvinte no caso específico do texto oral.

2.6. A Relevância

A *relevância* é o fator de textualidade que exerce certa exigência para que todos os enunciados que formam o texto sejam passíveis de interpretação e compreendidos como falando a respeito de um mesmo assunto.

3. A Produção de Textos e a Prática da Leitura

Produzir textos é uma atividade bastante solicitada nas aulas de Língua Portuguesa. Geralmente, a maioria dos docentes, no que diz respeito à prática da produção textual, concentra os seus esforços apenas na parte escrita, sem dar importância à oralidade. Assim, no âmbito escolar, deve-se enfatizar a produção de textos orais e escritos.

É uma prática bastante comum, principalmente nas aulas da primeira fase do ensino fundamental, em que o docente, ao observar um estudante comentando as aventuras do seu desenho animado, trata de silenciá-lo para não atrapalhar a aula. Na verdade, ao contar para os colegas os acontecimentos do filme, o educando está produzindo um texto oral. Ele está realizando, portanto, o gênero conto. Seria uma excelente oportunidade para o professor explorar a oralidade dos alunos sobre o assunto, questionando-os e, só depois, dependendo do nível da turma, solicitar que eles escrevam a história que acabaram de contar. De uma forma bastante prática e dinâmica, o educador faria com que os seus aprendizes passassem da fase oral para a escrita. Porém, aquele profissional despreparado julga que aquela história que está sendo contada não é um conteúdo escolar e pede que ele se cale para não atrapalhar a aula. Depois, vai reclamar, junto aos colegas e o gestor escolar, que os alunos não sabem produzir textos e que quando ele faz os questionamentos a respeito da compreensão de uma leitura realizada em sala de aula, ninguém responde, fica todo mundo calado. É lógico, o estudante é constantemente reprimido, mandado silenciar; então, ele não vai falar com medo de errar.

Outro aspecto bastante negativo para a produção textual, seja oral ou escrita, que se manifesta logo cedo na escolaridade do aluno e se torna mais acentuado na segunda fase do ensino fundamental e no ensino médio e, conseqüentemente, mais grave, é a falta de leitura. Essa carência faz com que, indiretamente, o educando tenha muita dificuldade para produzir textos, uma vez que não tem o conhecimento necessário para escrever. Tanto desconhece o tema a ser desenvolvido, como desconhece a forma, as características do gênero solicitado pelo professor, porque não entra em contato com os “modelos” de texto. Daí a grande aversão para escrever algo.

Incentivar a produção de textos orais, principalmente daqueles alunos mais calados, significa também proporcionar uma oportunidade para que eles superem a timidez por meio da oralidade, preparando-os, assim, para uma vida mais participativa, e por que não dizer, comunicativa, na sociedade.

Não só o componente curricular de Língua Portuguesa, mas também todas as áreas do conhecimento devem trabalhar na perspectiva da prática da leitura e da produção de textos orais ou escritos. Felizmente, muitos livros didáticos, das mais variadas áreas, estão trazendo muitas sugestões dentro dessa tendência.

Antigamente, os livros didáticos de Português traziam o termo Redação. De alguns anos para cá, os referidos livros e até alguns de outros componentes curriculares, substituíram essa palavra pela expressão *Produção textual*. Qual será, realmente, a diferença entre as duas?

Nascimento (2004, p. 51-52) assevera que

Redação é o ato de escrever sobre um determinado tema sugerido por alguém ou de livre escolha, seguindo sempre certa metodologia, em que as ideias são organizadas dentro de uma determinada lógica, tendo como objetivo a comunicação.

[...]

Já a produção de textos é uma atividade totalmente diferente. O texto pode ser feito e refeito várias vezes, dependendo da necessidade, após a análise e orientação de alguém entendido no assunto. Outro aspecto bastante

importante da produção é que ela pode ser tanto oral quanto escrita, podendo, inclusive, ser realizada por um analfabeto (apenas no âmbito da oralidade).

Na redação que se fazia antigamente na escola, geralmente não havia a preparação do aluno para realizar o ato da escrita. O professor sugeria o tema, deixava a turma à vontade, ausentava-se durante certo tempo da sala e não havia o processo de refazer o texto sob a sua orientação.

A produção de textos tem uma perspectiva diferente. Os educandos devem ser preparados previamente para escrever o texto. O docente pode sugerir, por exemplo, alguns temas considerados relevantes para aquele ano de escolaridade e pedir que os estudantes escolham um que eles julguem mais interessante. Em seguida, deve-se questionar se eles já leram ou ouviram falar sobre aquele assunto. Surge, assim, uma discussão na sala, de forma que o educador vai analisando o conhecimento prévio dos educandos e enriquecendo-o com mais informações. Em seguida, é o momento de solicitar que eles produzam um texto de acordo com o gênero estudado. Assim, o professor fica acompanhando essa produção, tirando dúvidas sobre o assunto, sobre a ortografia e os sinais de pontuação. O interessante é que o aluno tem a chance de refazer o texto, realizando as adequações necessárias, conforme a orientação docente.

Em outras palavras, a redação é um teste para provar se alguém sabe ou não escrever. É bastante usado em alguns concursos públicos, tais como ENEM, vestibulares, etc. Já a produção de textos é usada na escola, embora em algumas essa prática raramente aconteça. É um processo que considera o aluno não como um mero aprendiz, mas como um agente.

Para a prática da atividade de correção de um texto, o professor precisa conhecer as metarregras, pois são ferramentas importantes, que vão auxiliá-lo na detecção da quebra de coerência. Também é essencial que o docente de Língua Portuguesa fique atento aos demais fatores de textualidade.

Ler é um ato dinâmico, que vai além da decodificação de sinais linguísticos, pois envolve algo mais complexo e subjetivo que é a compreensão daquilo que está sendo lido. É necessário compreender os sentidos do texto, a sua ideologia. E, no que diz respeito à prática de leitura, que deve ser incentivada em todas as áreas do conhecimento, mencionamos que não se leem apenas palavras. Podemos ler símbolos, gestos, imagens fílmicas, uma pintura, uma escultura, etc.

Para Antunes (2009, p. 67):

A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma *atividade de interação entre sujeitos* e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.

A leitura e a escrita são duas atividades praticadas apenas por seres humanos. Uma complementa a outra. O ato de ler é, antes de tudo, uma atividade de interação, que ocorre entre o autor do texto escrito e o leitor. Os dois são seres ativos, participativos de vários processos. Aquele que pratica a leitura está buscando ativamente interpretar e compreender as intenções do escritor, as suas ideologias, inclusive aquelas que estão nas entrelinhas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a produção de textos no âmbito escolar é uma prática ainda longe de alcançar os padrões desejados, que seria o de indivíduos com uma habilidade comunicativa capaz de produzir, pelo menos, os textos de uso mais frequente na sociedade em que vivemos.

Portanto, notamos que, dentre os inúmeros fatores que acarretam a dificuldade no processo de produção textual e também na compreensão desses textos, está principalmente a carência de boas leituras. A prática da leitura e da produção de variados textos orais e escritos proporcionam a ampliação da competência comunicativa dos educandos e elevam o seu nível de aprendizagem.

Ao conceituarmos texto, citarmos os fatores de textualidade e descrevermos alguns aspectos relacionados à produção textual e à leitura, frisamos, na verdade, conhecimentos importantes para as atividades de escrita e para o ato de ler, essenciais para os estudiosos da Língua Portuguesa.

Dessa forma, notamos que se tornam necessárias medidas urgentes, por parte dos órgãos competentes, por parte da escola e com o auxílio da família, desde a mais tenra idade escolar, de forma a incentivar o gosto pelos livros, pela leitura e também pela produção de textos orais e depois escritos e, assim, gradativamente, acontecer a formação de leitores assíduos e, conseqüentemente, de bons produtores textuais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. 8 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.

JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de linguística**. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença/MEC, 1981.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

NASCIMENTO, Carlos Valmir do. **Prática de leitura e produção textual: uma abordagem dinâmica**. 2004. 99p. Monografia (Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Língua Portuguesa). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Como se faz um texto: a construção da dissertação argumentativa**. 5 ed. Catanduva: Rêspel, 2011.